

Criação literária de docentes em formação numa dimensão performática

Nazarete Andrade Mariano¹

Trilhas iniciais

Este estudo tem por objetivo socializar reflexões parciais de práticas de escrita de docentes em formação, de uma pesquisa de tese, em andamento, ancorada no processo de doutoramento pelo Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural. Aqui, estamos trazendo o contexto do Programa de *Extensão Lugar de Criação*² (PLC)³ do Curso de Letras da Universidade de Pernambuco - UPE - Campus Petrolina. Práticas de escrita como o cerne de criação de graduandos de Letras no contexto do PLC. São situações de criação que emergem das rasuras do criativo, um convite para uma imersão nas marcas de vivências nos textos escritos.

Antes de seguir, é necessária uma breve abordagem do contexto do Programa de Extensão Lugar de Criação que proporciona à população do Sertão Médio nordestino - especificamente, as cidades de Petrolina/PE, Juazeiro/BA; Cabrobó/PE entre outras cidades e vilarejos - uma imersão às práticas sociais escrita⁴. O contexto do PLC dá ênfase às invenções de artes criativas desenvolvidas por participantes oriundos de Escolas Públicas, sejam esses estudantes ou docentes. Os mesmos se debruçam em suas experiências performáticas a partir de narrativas que emergem durante o processo, propiciando um levante para uma escrita literária com traços peculiares de suas vivências, textos com investimentos de uma escrita - artesanato: feitura em bricolagens.

Neste estudo, vamos recortar para os graduandos em formação, que durante os encontros formativos do PLC, como também em cartas trocadas durante esse processo de investigação, trazem, em suas lembranças da Educação Básica, a imagem de texto para o efeito de uma avaliação ou de uma nota. Um lugar distinto do ato de criação, a arte de fazer, agenciado pelo sujeito que cria, inventa e inova. Um ato de criar nato da condição humana.

Narrativas que nos levam a uma audiência sensível das vivências que emergem dessas práticas com os textos escritos, que vão do conto, a uma crônica ou uma poesia popular. O que podemos perceber está em torno do desafio de investigar sobre o contexto do PLC como

¹ Doutoranda em Crítica Cultural, linha II: Letramento, Identidade e Formação de Educadores, e-mail: Nazarete.mariano@upe.br, orientanda do Prof. Dr. Cosme Batista dos Santos, E-mail. cbsantos@uneb.br.

² Nome do Programa, títulos, nomes compostos dos participantes da pesquisa (autores do PLC) ou palavras grafadas no corpo do texto, pela autora, ficarão em *itálico*.

³ Usaremos a sigla (PLC) para referir ao programa Lugar de Criação.

⁴ Devido o PLC ter três propostas de projetos, as escritas são transversalizadas pela leitura, pela oralidade e pela interação.

promotor de práticas de escritas com traços de vivências numa dimensão performática dessas escritas, uma dupla captura, pois é nisso que “acontece o fenômeno do devir” (Deleuze, 1989). Um movimento de textos que se lançam na atemporalidade própria da literatura. Uma criação no presente que poderá ser acessada, pensada e entendida em outro lugar, em tempos distintos. Quem acessa esses textos, a exemplo dos livros “⁵Lugar de Criação” (2020), “Escritas Identitárias” (2021/2022⁶) e “Valsar das Palavras” (2022), também se inscreve nesse movimento do ir e vir da temporalidade em um tempo para além do agora. Quem se apropria dessa escrita também se inscreve e é convidado a mergulhar nesse universo, pois é preciso de uma escuta das vivências presentes em textos escritos, (Derrida, 1976[2021]).

Entre 2020 a 2022 foram publicados, nas três coletâneas, um total de 353 textos, sendo: a primeira publicação, intitulada “Lugar de Criação em prosa⁷ Versos (2020)”, é constituída de um total de 74 textos: 25 em prosa e 49 em verso distribuídos pela autoria de 41 escritoras e escritores. O segundo livro, intitulado de “Escritas Identitárias” (2021/2022), é constituído por um total de 141 textos: 78 em prosa e 63 em verso com 55 escritoras e escritores inscritos nesse processo. A terceira publicação, “O Valsar das Palavras” (2022), tem um total de 134 textos: 88 em prosa e 46 em verso, totalizando 66 escritoras e escritores⁸. Nessa caminhada, ainda com uma visão extensiva, deparamos com cinco graduandos que publicaram textos nas três coletâneas indicadas acima, experienciando a seguinte cena: uma média de 50% dos graduandos-extensionistas. Aqui, trataremos pelos dois últimos nomes; sobrenomes⁹, considerando como nome composto.

Ao debruçarmos nosso olhar para as criações literárias nos deparamos com *Batista-Silva* que tem um total de seis textos literários, considerando quatro textos em prosa e dois em verso; logo em seguida vêm: *Castro - Brito* com seis textos todos em prosa; *Fonseca - Andrade* assinou um total de 12 textos, sendo que cinco textos em prosa e sete em versos; *Rodrigues - Coelho* com o maior número de textos publicados, um total de 15 textos, todos também em prosa e *Wilk-Segundo* com um total de 14 textos assinados nas publicações, sendo dez textos em verso e quatro em prosa. totalizando um montante de 53 textos publicados por esses cinco graduandos-extensionistas.

⁵ Indicação ou citação das publicações das coletâneas ou de textos de autoria dos participantes do PLC serão destacados com aspas (“”).

⁶ O processo de criação desta coletânea ocorreu no decorrer de 2021, porém a publicação foi datada no início de 2022.

⁷ Nas versões impressas das coletâneas foram organizadas uma parte em verso e outra em prosa.

⁸ As escritas referentes ao ano de 2023 ainda estão em processo para a publicação do livro *Escrevinhar* que está no prelo.

⁹ O Projeto de pesquisa de tese já foi submetido ao comitê de ética em 2021.

Destacamos um dos textos, por seu atravessamento para outros cenários, para outras escritas e para outros espaços. Um texto em poesia popular intitulado “Natureza Feminina” de autoria de *Batista-Silva*. Um texto que chama a atenção em meio ao universo de 353 textos publicados, puro ato de criar, Deleuze (1987[1999]), presente nas vivências das pessoas. Narrativas que saem do imaginário e ganham as folhas dos livros impressos e/ou digitais. Essas dimensões comungam em um ponto de transformação: a formação docente, futuros docentes que podem concluir o curso de Letras também como escreventes de suas narrativas com traços autobiográficos.

Assim, este artigo está organizado em uma breve introdução para situar o leitor das discussões propostas; três subtópicos: o Lugar de Criação como um operador teórico-metodológicos para pensar práticas de escritas de docentes em formação; para tanto parte para um breve limiar sobre práticas de escritas até chegar em uma “Conversa Afiada” ao convite do “Valsar das Palavras”, que culmina na criatividade, performatividade de graduandos de Letras performatizando em suas práticas de escritas e por relevantes considerações.

Um operador teórico-metodológico para pensar práticas de escrita de graduandos

Se a linguagem constitui a arte do dizer, o modo de dizer do docente constitui a performance da linguagem no movimento, em um atravessamento mútuo, que “mobiliza e incita sujeitos das mais diversas origens e contextos socioculturais a se engajarem na escrita por meio da criação, e, por consequência desse agenciamento ativo, participativo e colaborativo” (Félix, 2022, p. 16). Pode-se indicar que seja um atravessamento rompendo a temporalidade para deixar *rastros* pelas trilhas em processo de ruptura entre o ontem e o hoje.

São escritas que saem das trincheiras da extensão para torná-las de domínio público, seja em livro impresso, seja em ebook, ou, quem sabe, até mesmo em audiobook. A cada ano e a cada encontro, os graduandos seguem no comando do processo de criação da gênese até o texto publicado. A cada ano uma capa, um exemplar difundindo a arte de criar na e pela palavra. Haveres para uma escrita literária de futuros docentes em uma ação performática.

Graduandos que desenvolvem poesia popular conto ou crônica durante sua imersão na formação inicial de Licenciatura em Letras. Uma operação investida por aquele que propõe andarilhar pelas práticas de escrita. E com suas rasuras criam outras possibilidades de driblar com a própria língua, que pode revelar um chamamento para outros significados, rompendo com o padrão hegemônico estabelecido. Logo, as repercussões dessas ações de escritas, com investimento no performático, são atravessadas para pensar as contribuições do arbitrário do

signo nas relações intersemióticas, que para Barthes (1977[2004], p. 28), é a “terceira força da literatura, sua força propriamente dita”, que se abre para o múltiplo, para uma diversidade linguística e textual.

Um breve limiar sobre práticas de escritas

É válido dizer que a escrita moldou civilizações e foi moldada ao longo de sua trajetória. A origem dos primeiros indícios dos traçados escritos ocorreu, aproximadamente, por volta de 3.500 anos a.C. com indícios de uma escrita cuneiforme, fato que, no decorrer desses poucos mais de cinco mil anos, as práticas de escrita foram ganhando espaços, inclusive, em muitas sociedades de tradição oral. Não vamos entrar nessa discussão histórica, apenas situar como nos lembra Calvet (2011), de que a invenção da escrita surge com finalidade, inicialmente, de anotar. O surgimento dessa invenção se deu pela necessidade de poucos, pois o domínio da escrita estava nas mãos e nas ‘*penas*’ de pessoas que detinham o poder.

Domínio que, em pleno século XXI, ainda reflete em simulacro, que também ainda silencia práticas de escrita, e neste recorte, de modo específico, escrita literária produzida nos espaços escolares e/ou acadêmicos. Uma escrita presente nas práticas estudantis de futuros docentes em Letras, que, paradoxalmente, se apresenta, de certa forma, ausente, pois muitas vezes, a finalidade desta seria apenas para um efeito de uma nota quantitativa, sem maiores impactos na formação do sujeito escrevente. Como postula Street (2010, p. 121), “as concepções de letramento são construídas [...] a controlar os aspectos cruciais de linguagem e de pensamento”. Convergingo com Barthes (1977[2004], p. 17), “o texto é o próprio aflorar da língua”. É nesse aflorar que as práticas de escritas das participantes e dos participantes do Programa de Extensão *Lugar de Criação* ganham forças para potencializarem suas criações de textos escritos.

Ao mesmo tempo, em que a língua se confunde com poder, há uma *pegada* da literatura, das práticas de escrever no tecido dos signos, em que se encontra um significante na tessitura de uma arte necessária, pois “o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro” (Barthes, 1977[2004], p.16). Por assim dizer, há uma importância da língua, não somente enquanto sistema, como também enquanto construto social, por conseguinte, da metáfora linguística para o desenvolvimento de práticas de escritas literárias, inclusive, de docentes em formação. Um deslocamento do aprender, do desaprender e do reaprender, que, concomitante com (Seidel, 2017, p.115.), vão

“dando novos sentidos aos textos do passado, textos que, muitas vezes, nos tentavam convencer de que o mundo teria que ser como nos era mostrado”.

Nesse universo de *palavreados*, traços de experiências emergem na presencialidade de textos escritos que podem se repetir continuamente em entremeios e nas dobras, pois “o mais importante [...] é o delineamento da força e da contraforça deste movimento subjetivo” (Moreira, 2020, p.157). Narrativas, muitas vezes, distanciadas de uma *língua* oficial. Textos que não ficam parados nos exemplares impressos, presos a uma estante ou armário na sala de visita. São textos que estão em contextos diversos, fazendo parte da cena de docentes, de futuros docentes. Textos que estão presentes em bate-papos, seja remotamente ou em rodas de conversas na presencialidade. Práticas de escritas que inspiram outras práticas, a exemplos de saraus, de planejamentos docentes, TCCs. Aqui, incluo a minha tese de doutorado em andamento.

Nesse andarilhar, algo chama a atenção, o texto “Natureza feminina” (Batista-Silva, 2019[2023]) chama a atenção pelo interesse dos graduandos em investigar, pois está em quatro dos cinco TCCs, cujo objetos de estudo estão diretamente relacionados com as práticas de escrita desenvolvidas no contexto do *PLC*. Além do referido texto fazer parte de uma das TD¹⁰, como também está nas pesquisas dos graduandos extensionistas, em artigo já publicado, em capítulo de livros e entre outros contextos de circulação. Centenas de textos foram produzidos ao longo de três anos, e um deles se destaca. O que ocorre com o texto “Natureza Feminina” para essa pretensa entre os graduandos-pesquisadores?

Um devir - literatura que emerge das margens cristalizadas de sentidos, já desgastados, que “a escrita é salva não por causa da sua destinação, mas graças ao trabalho que custou” (Barthes, 1953[2020], p.58). São palavras que se juntam para a formação de outras tantas. Escritas que inspiram outras escritas. Marcas de leituras presentes na formação de práticas de escrita literária. Nessa aderência, elas vão se aglutinando por todos os lados, pessoas e palavras se encontram desde tempos imemoráveis. palavras se *aglomeram* onde há gente. Nelas e com elas, sempre surge o diferente, sempre surge o novo: o dito no já dito, um já dito, dito de outra maneira, “em que se pode produzir o “deslocamento”¹¹ dessa relação, desterritorializando-a” (Orlandi, 1990, p.9). Dobras para a imersão de novos sentidos, de outros significados como potência do signo.

De uma “Conversa Afiada” ao convite do “Valsar das Palavras”

¹⁰ Um projeto de extensão intitulado de Táticas Didáticas de Criação docente que desenvolve material didático publicado em livro físico e em ebook, cujo título é Táticas Didáticas (TD).

¹¹ Grifo do autor.

Um sublimar de outros saberes, que se percebe um lugar de inacabamento em que a literatura se inscreve na força de um devir. A escrita literária tem a força de deslocar distintos sentidos. É nessa força que há jogo com os signos, “cuja fascinação de saborear. quer fazer saborear e compreender” (Barthes, 1977[2004], p. 40). Saborear o despoder de um signo para conceber o gozo arbitrário de outros signos, a literatura é um saborear mutante das palavras. Assim, que se vem saboreando a criatividade de Batista-Silva no seu texto “Natureza Feminina”. Texto que inspira e é inspirado pelo coletivo do *Lugar de Criação*, pois sua primeira versão ocorreu quando a autora estava no terceiro ano do Ensino Médio, meados do ano de 2019. Texto que se constituiu em primeiras rasuras, escritas e reescritas até que chega em forma de citação em um singelo trabalho de escola que resultou em uma publicação do livro “Conversa Afiada: um lugar de criação estudantil”.

Em 2020, surge um grupo de estudo com Batista-Silva, que acabara de passar no ENEM para cursar Letras na UPE - Campus de Petrolina, porém, devido a pandemia, estava aguardando para ingressar. Desse movimento que tenciona pensar um grupo de estudo envolvendo três estudantes oriundas da Educação Pública do estado da Bahia. Então, um graduando parte desse interesse para seguir nessas discussões, assim, vão chegando outros e outras, até que o *Lugar de Criação* se constitui como um Programa de Extensão.

Justamente, na terceira edição das coletâneas do Lugar de Criação, o texto “Natureza Feminina” tem uma releitura pela autora e é publicado no livro “*O Valsar das Palavras*” (2022). Depois de quatro anos, um texto estudantil continua criando outras possibilidades de agenciamentos. Pessoas se debruçam sobre ele e descobrem outras possibilidades de leitura, de interpretação, de subjetivação e de performances.

A criação é uma condição em que o sujeito se encontra para que a criatividade floresça. O ato de criação e de ação em formação podem funcionar como um devir. Assim, converge em uma formação de autoria de docente e seu processo de letramento pelo platô da Crítica Cultural, que é “o estabelecimento de um aparato científico menor e lateral capaz de fazer falar o silenciado” (Santos, 2021)¹². Como contempla Barthes (1977[2004]), “o texto contém nele a força de fugir infinitamente da palavra gregária [...] ele empurra para outro lugar”. O texto como potência de desmonte de uma escrita esquecida, para uma escrita por vir.

Criatividade, performatividade

Seguindo nesse convite de se inscrever no *Lugar de Criação* como lugar performático, em que o texto “Natureza Feminina” traz um trançado de um lugar de fala que

¹² Publicado no site do Pós Crítica em 2012.1.

movimenta para outras cenas, agenciamento um movimentar com outros tantos presentes nos traçados de vivências da condição de mulheres que vêm acompanhada da dor, da cor, da intensidade. Neste trançar a autora-graduanda traz,

Eita, que é grande a dor da mulher
Desde pequena ensinada a obedecer
E na juventude disposta a se rebelar
Tem nem medo de logo vir a falecer
Porque a liberdade irá conquistar!
E nem em pensamento vai se render.
(BATISTA-SILVA, 2022^[1])

A nós pesquisadores só nos resta a sensibilidade de perceber as vivências, os traços que a trilha da escrita estabelece no movimento performático. Singularidades diversas que movimentam numa performatividade na modalidade escrita, como diz Derrida (1990), o performativo transforma uma situação, pois o performático, opera.

Livres por natureza
Presas por um sistema
Vivemos de felicidades clandestinas
Que transformamos em poema
E nas nossas histórias somos heroínas
Lutando pelo fim desse dilema.
(BATISTA-SILVA, 2023, p.80)

A potência presente no processo de criação pode estar na necessidade do próprio ato de criar. Para Deleuze (1987[1999]), o ato de criação é um processo de interpretação do autor consigo mesmo e com o outro. E neste olhar do eu para o outro vivem os assuntos que constituem a criação de cada sujeito. A escrita estudantil alçando novas caminhadas, um desmanche da escrita presa em um pedestal para a emergência de escritas outras, para muitos, a inutilidade da literatura, a anti estética do texto literário; para outros, narrativas de suas vivências que refletem no outro, no eu, como advoga Foucault,

A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte dispar: ou, mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso. (FOUCAULT, 1984[2004], p.151).

Trapacear a língua, trapacear com a língua (Barthes, 1977[2004]), é concomitante com o pensamento foucaultiano, as escritas desenvolvidas no contexto do *PLC* se constituem em exercícios pessoais feitos por si e para si; por si e para o outro. Não outro distante, hegemônico, mas o outro da proximidade, o outro que se constitui na diferença das minorias em vozes. Vozes que são acontecimentos.

Escrever texto literário não significa apenas escrever uma produção textual, pois nem toda escrita traz esse deleite de abraçar o fazer poético para um descrever, um desdizer das narrativas fixadas nos mais altos dos pedestais. Uma transgressão do não que impediria o que

há por vir. Para pesquisar práticas de escritas literárias, tal qual o poema “Natureza Feminina”, faz-se necessário pensar no movimento de marcas de subjetividades, além do jogo jogado com as palavras, talvez “sem nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível” (Barthes, 1977[2004], p. 47). O texto de Batista-Silva, talvez se insere em uma reflexão de um desaprender, pois nos atravessa em outras experiências fora de um padrão estabelecido para os textos literários, uma criação que convida a formação a se constituir nesse processo.

Graduandos de Letras performatizando em suas práticas de escritas

Se pesquisar é experimentar, arriscar-se, deixar-se perder. No meio do caminho, irrompem muitos universos descontínuos, provocadores de perplexidade, surpresas, temores, mas também de certa sensação de alívio e de liberdade do tédio, então, pesquisar está relacionada em experienciar o arriscado. A experiência, aqui, é voltada a uma conjugação de traços da escrita permeada de vivências, que estamos na busca para investigar que traços são esses, que vivências tencionam nos textos escritos dos estudantes, graduandos autores? Como diz Deleuze e Guattari (1996[2012]), p. 67), “abre-se um possível rizomático, operando uma potencialização do possível”. Rastro de um processo de criação na formação docente. Sujeitos que escrevem e se inscrevem na *clandestinidade*, mesmo na presencialidade institucional, convidam as pessoas a se formarem e um “devir-clandestino, fazer rizoma por toda parte”, (p.68). Vivenciar os sabores e saberes das palavras, operacionalizar, mesmo que escrever seja,

escrever de qualquer jeito, pouco, muito, com letras tortas, escrever apenas para si ou mesmo não escrever nada, apenas sentar, pegar papel, caneta e imaginar. Sem dúvida, escrever poema, contar uma história é uma prática inerente à condição jovem, de poder e de liberdade (SANTOS, 2020, p. 16).

As discussões que Santos apresenta dizem muito sobre os modos de produção dos estudantes, uma prática inerente à condição de que jovem estudante tem de escrever: liberdade de poder escrever. Como diz Adichie (2019), é preciso escrever para não correremos o risco de uma única história. É o sujeito recuperando sua voz, tomando posse das palavras e interagindo com outras vozes, materializando seus discursos no processo de textualização. Sujeito que tem potencialidade de se desvincular das amarras do outro, e se constituir enquanto sujeito que interage, não apenas com o outro, como também com os sentidos atribuídos ao texto.

Textos se materializando em escritas vivas e em movimento, como diz Moreira, é um “texto-vida”, melhor dizer, são textos, que refletem o movimento da vida. Um texto que é

levado “pela força de toda vida viva” (Barthes, 1977[2004], p.47). É um escrever para aproximar as margens. Vivências que se mostram para o escrito e por assim dizer: “escrever é, portanto, “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro” (Foucault, (1969[2004], p.156). Provavelmente, as práticas de escritas docentes de graduandos em formação, para alguns, possam estar nesse lugar de não literatura, por serem produções, de sujeitos subalternizados e de desprestígio social.

O que a sensibilidade de uma investigação atenta percebe é que estes futuros docentes inventam uma literatura que sai das periferias das salas de aula, garantindo que seus contextos também sejam registrados nas narrativas para um emergir de outra cena na formação de docente em Letras. Um docente que se mune de uma escrita numa luta “corpo a corpo” e “lutando com as palavras” (Drummond, 1988) agencia toda uma coletividade. É um agenciamento de um agir que é a dimensão performativa, que extrapola o protocolo institucionalizado. O performático exige que o sujeito entre com suas vivências, não apenas faça algo, mas que transforme aquilo, vivenciando, constantemente, a transformação.

Considerações

São relevantes contribuições para as discussões teórico-metodológicas no campo da *Crítica Cultural*, bem como nas práticas sociais de escritas literárias em diálogo com o processo de formação. O sujeito que acessa esses textos se inscreve numa temporalidade, pois há, de alguma forma, uma tentativa de recuperar essa temporalidade, que não deixa de ser um fenômeno: acontecimento como devir. Essa perspectiva exige também uma noção de presencialidade de um tempo que entra, a partir do contato do leitor com o texto, que se juntam a outro tempo, a outros presentes que estão em outra temporalidade; por vez, estão em outros lugares, que também vieram de outros lugares.

Nesse movimento do tempo e do espaço, entre leitor e texto, estabelece-se uma cena de uma rede de vivências, que pode afetar, tanto ao escrevente, quanto ao outro que acessa essas vivências presentes nos textos escritos. É um docente que não apenas ensina a escrever, mas que também faz arte, pois sua arte está em criar pela, e na palavra. É o docente autor na contramão daquele que ensina a escrever, mas não escreve, ou um crítico que faz suas críticas isoladas do objeto de trabalho, mas não escreve textos literários.

Outro gesto que este estudo indica é uma necessária reflexão de que não deve mais haver espaços para o não contato com as práticas de escrita, não deve haver mais espaço para o não contato com a literatura. Para tanto, é preciso uma mudança de postura, de

comportamento dos envolvidos nesses processos (de formação e de práticas de escritas) para que o ato de criação transforme os espaços formais e não formais de ensino e que as práticas de escritas sejam um fenômeno de mudança tanto na licenciatura em Letras, quanto na Educação Básica e para além dos contextos formais de letramento escolar.

Todo esse movimento evidencia a dimensão performática sem um enquadramento nesse ou naquele formato de texto. Claro que é preciso da apropriação dos aspectos normativo, linguístico e textual, uma vez que é preciso se apropriar dessas formas, historicamente, herdadas. Inclusive, para desorganizar e organizar de outra forma, senão, o ato de criar acaba se perdendo na (re)produção. Apenas se apropriar e reproduzir, provavelmente, não sairá uma criação autoral. É preciso se apropriar para pensar o novo, pois é da repetição que surgem outras dobras (Deleuze, 1989), é um fenômeno em que acontece o devir.

Referências

BARTHES, Roland, *Aula: pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. São Paulo: Editora Perspectiva.

CASTRO, Vitor et al. (2022). *O Valsar das Palavras*. Petrolina/PE: Oxente.

COELHO, Lucas Rodrigues et al, (2022). *Escritas Identitárias*. Petrolina/PE: Oxente

DERRIDA, Jacques, (1992[2014]). *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG.

_____, (1976[2021]). *Otobiografias: o ensinamento de Nietzsche e a política do nome próprio*. Trad. Guilherme Cadaval; Arthur Leão Roder Rafael; Haddock-Lobo. Rio de Janeiro: Zazie Edições.

DELEUZE, Gilles, (1987[1999]). O ato de criação. Tradução de José Marcos Macedo. **Folha de São Paulo**, v. 27, n. 06, São Paulo.

FOUCAULT, Michel, (1982-1983[2010]). *Aula de 5 de janeiro de 1983 - primeira hora*, in: *Governo de si e dos outros*, Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, p. 03-23.

MARIANO, Nazarete A. et al. (2020). *Lugar de Criação em versos e prosa*. Petrolina-PE: Oxente.

Orlandi, Eni (1990). Nota ao leitor, In: **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 5ª edição, Campinas, SP: Pontes Editores, 2008, p. 7-15.